

JOGO DE EQUIPE, JOGO DE CENAS

COM PRIORIDADE CLARA A UM PILOTO, MAS NEGANDO TUDO, A RED BULL CHEGOU AOS SEUS PRIMEIROS TÍTULOS APÓS SEIS TEMPORADAS COMPLETAS NA FÓRMULA 1



Na escolha entre o jovem e arrojado Vettel e o "tiozão" Webber, a Red Bull não teve dúvida

A CONQUISTA DO Mundial de Construtores pela Red Bull no GP do Brasil, com uma etapa de antecipação, fez a festa daqueles que se consideravam os defensores do "jogo limpo" na Fórmula 1. Uma semana depois, em Abu Dhabi, a conquista do alemão Sebastian Vettel deu ainda mais combustível para os antiarmação mais inflamados. O piloto mais jovem a sair campeão de uma temporada da categoria vinha de uma escuderia que sempre se disse contra o jogo de equipe.

No entanto, toda essa catarse desmorona diante de uma visão mais realista. Se a Red Bull não vacilou ao escancarar suas estratégias de time como fez a Ferrari no GP da Alemanha, tampouco deixou de utilizá-las. No mundo da Fórmula 1, sabe-se que só não prioriza pilotos e opta pelas ordens quem não disputa título, ainda que elas continuem proibidas por regulamento.

A questão é que este tipo de atitude não combina com a imagem da Red Bull, marca que extrapola os limites da F-1. A ideia da juventude, da competência somada ao arrojo, da competitividade levada ao limite faz mais sentido para Dietrich Mateschitz, fundador daquilo que começou como uma fábrica de energéticos. A marca patrocina uma série de atletas de ponta em diversas modalidades, principalmente as ligadas à velocidade e esportes radicais. E conseguiu chamar ainda mais a atenção ao criar suas próprias séries mundiais. Hoje, existem, entre outras, a Air Race (corrida aérea), Crashed Ice (disputada por jogadores de hóquei no gelo), X-Fighters (Motocross Freestyle) e Cliff Diving (mergulho de penhascos que chegam a 28 m de altura).

O jovem Sebastian Vettel tem tudo a ver com isso, integra o grupo de caras perfeitas para representar a Red Bull na categoria "garotoprodígio". Antes de ser campeão, Vettel havia quebrado outros três recordes, todos de piloto mais jovem: a pontuar, a fazer uma pole position e a vencer uma corrida. Ele foge dos estereótipos mais comuns dos corredores de Fórmula 1. O cabelo é bagunçado, o "uniforme" é calça jeans e blusa de moletom ou camisa xadrez; não tem nada de almofadinha e nem de longe lembra, por

exemplo, seu conterrâneo Nico Rosberg e seus cabelos loiros engomados.

O BRASILEIRO ENRIQUE BERNOLDI foi o primeiro piloto que a Red Bull tentou emplacar na Fórmula 1 vindo do programa de desenvolvimento de jovens talentos, no começo da década. Dentro do que conhece do time, faz sua análise: "Acho que o Vettel tem, sim, alguns privilégios justamente por ter sido da escolinha, por ser alemão e o time ser austríaco. Eles têm muito essa coisa do nacionalismo", conta, lembrando que o governo da Áustria chegou a oferecer o passaporte para que ele corresse como um local. Bernoldi interpreta que o choro de Mark Webber veio justamente por não ter sido favorecido dentro do time nem quando esteve à frente de Vettel, piloto reconhecidamente competente.

As rusgas e os debates através da imprensa protagonizados por Vettel e seu companheiro foram o sinal de que, apesar daquilo em que muitos quiseram acreditar, a ideia do time descolado e bonzinho é pouco real. A primeira exposição do conflito aconteceu no GP da Turquia, sétima etapa do ano. O engenheiro informou a Webber que ele devia economizar combustível, código comumente utilizado e entendido, ainda mais quando seu colega de time vem em um ritmo razoável logo atrás. Enquanto isso, soube-se mais tarde que o engenheiro de Vettel avisava a ele que Webber tinha um problema e estava diminuindo o ritmo. Não é preciso muito mais do que isso para que a mensagem seja compreendida por todas as peças do jogo.

O problema foi que Webber, talvez influenciado pelo próprio discurso público da Red Bull de não priorizar pilotos, não acatou a ordem como o ferrartista Felipe Massa fez ao aceitar dar passagem para Fernando Alonso. O



resultado foi um choque entre companheiros de time que tirou Vettel da prova e fez com que Webber terminasse em terceiro. As declarações da equipe davam a sensação de que a culpa era apenas do australiano.

Mais tarde, no GP da Grã-Bretanha, os dois estreariam uma nova asa dianteira. Vettel estragou a dele durante os treinos e a Red Bull optou por dar a asa de Webber para o alemão. Sem titubear, o australiano disparou contra o time e a estocada final foi dada quando ele venceu a prova e comemorou pelo rádio, ainda no carro: "Nada mal para um segundo piloto!". Webber chegou a dizer que, se soubesse que as coisas seriam assim, não teria renovado seu contrato.

No GP do Brasil, Webber estava à frente de Vettel no campeonato, mas terminaram a corrida com o alemão em primeiro e Webber em segundo. A vantagem era de Vettel e, aí sim, a Red Bull não optou pelas ordens. Webber cutucou novamente: "Se tivéssemos trocado posições, teria ajudado, mas essa não é a filosofia da nossa equipe". Não às claras, pelo menos.

POR VANESSA RUIZ

EDGARDO MARTOLIO

A CULPA É DAS PALAVRAS

Nos últimos tempos, Bernardinho, Felipe Massa, Ferrari, Vettel e duas palavras – "Profissionalismo" e "Equipe" – nos envolveram numa salada de ética e esporte mal-condimentada e pior digerida.

Argentina, um país que cultua o rúgbi com ótimas seleções, há meio século discute se ele deve continuar amador ou não. Há um novo projeto profissionalizante em andamento, mas o rúgbi continua amador e a briga não para. Lá, como diria Arnaldo César Coelho, a regra é clara. Se você quer ser um verdadeiro rugbier vai trabalhar, vai estudar, sustenta-se com outra coisa e aparece aos sábados para jogar. É assim que se entende o rúgbi legítimo. Os meninos começam em um clube com sete anos e com 50 ainda defendem o mesmo clube no time máster. Jogam pela camisa, pelas cores. Isso é ESPORTE, assim em maiúscula. Bem falou Winston Churchill: "O rúgbi é um esporte de bárbaros, jogado por cavalheiros". E os cavalheiros não sujam suas mãos com dinheiro.

Diferente disso, se você quer viver só do rúgbi vá para a Europa; se quer lucrar, vá jogar na Oceania. E não mais fale que você é um "rugbier" nem um "esportista", fale que você é um "profissional do rúgbi". Duas coisas opostas. O mesmo deve valer para o vôlei, para o automobilismo ou para qualquer esporte. Mas não é assim porque, uma vez que entrou dinheiro, é ele quem manda e a coisa muda de nome. É profissionalismo. Quando há dinheiro há que vencer sempre, e não pelo prazer da vitória. Vencer para pagar as contas. Vencer para barganhar patrocinadores. Vencer para renovar contratos. Vencer para assegurar o futuro quando o corpo já não permite mais vencer.

A outra palavra vilã destes dias é "equipe". Porque se há equipe significa que joga mais de um de cada lado, que se joga de dois (F-1), entre cinco (basquete), 11 (futebol) ou 15 (rúgbi). E quem ganha é a equipe, ainda que a imprensa trate as partes de uma equipe como entes individuais que não são.

Não sejamos míopes de não enxergar que no profissionalismo às vezes há que perder para ser campeão mundial, como aconteceu com o vôlei. Pergunte-se por que a Ferrari quer Felipe Massa se não é para ajudar a consagrar Alonso tricampeão mundial. Ele não foi, já sei, mas essa é outra história que não vamos discutir aqui. Vettel e Webber também são outra história, porque a Red Bull lucra sendo diferente das outras equipes e não com o pódio: a Red Bull é um andorinha na F-1, está de passagem, não é uma "equipe de corridas de verdade", como a Renault, a Mercedes, a Ferrari, as equipes que vivem, viverão e sempre viveram dos carros, da mecânica e da tecnologia. Não bote todos na mesma sacola. Como dizia um tio meu, "todas são mulheres, mas uma é minha Santa mãe, outra é minha terna irmãzinha e aquela lá é minha vizinha gostooooosa".

Se você não quer integrar uma equipe, não jogue futebol, basquete, rúgbi ou vôlei, nem corra na F-1. Pratique boxe como Éder Jofre, golfe como Tiger Woods, ou natação como César Cielo... Mas não participe do revezamento!



"O sistema está baseado no poder dos bancos. Se três milhões de pessoas que estão na rua com seus cartazes vão aos bancos

O ex-jogador Eric Cantona proclamando uma nova revolução francesa

e retiram seu dinheiro, eles entram em colapso"